
Notícia local em telejornalismo regional: Estudo dos telejornais MGTV e Alterosa em Alerta¹

César Franco dos Santos MARTINS²

Sonia Virgínia MOREIRA³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo

Este trabalho teve como proposta verificar a cobertura realizada por dois telejornais transmitidos na Zona da Mata e Campo das Vertentes: o MGTV 1ª edição, da TV Integração – afiliada da Rede Globo -, e o Alterosa em Alerta 1ª edição, da TV Alterosa – afiliada do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). Com sede em Juiz de Fora, as filiais fazem a cobertura de 108 municípios em comum. O objetivo foi investigar as informações divulgadas e averiguar se o MGTV e o Alterosa em Alerta conseguem se caracterizar de fato como telejornais regionais, e, dessa forma, representar não somente os juiz-foranos, mas também a população das demais cidades da região. No trabalho, foram utilizados conceitos do campo da comunicação e da geografia. Como metodologia utilizou-se de estudo de caso, estudo comparado e a organização da semana composta.

Palavras-chave: Escala; Geografia humana; Local; Telejornalismo regional; Valor-notícia;

Introdução

A televisão surgiu no Brasil em setembro de 1950 e, ainda hoje, se constitui como a principal fonte de informação da população. Em 2016, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua/IBGE), 97,4% dos domicílios brasileiros possuíam aparelho de TV⁴. As mensagens transmitidas por esse meio – em especial via telejornalismo, que lida com a informação – moldam comportamentos e valores.

Apesar das atuais tecnologias possibilitarem aos telespectadores informações de diversos acontecimentos pelo mundo, é de interesse do público saber o que acontece nas proximidades, daí a importância de transmitir fatos e eventos locais além daqueles globais. Por meio do telejornalismo local ou regional os cidadãos podem ter

¹ Trabalho feito a partir do trabalho de conclusão de curso e apresentado no IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 8º. Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), e-mail: cezarfrsmartins1997@gmail.com

³ Orientadora. Professora titular (visitante) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), e-mail: soniavm@gmail.com

⁴ PNAD Contínua - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017). Características Gerais dos Moradores 2012-2016 e Características Gerais dos Domicílios 2016. Acesso em 8 out 2018 em https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/a7d023687b221aafb0364f56cad94367.pdf

conhecimento dos fatos que ocorrem no seu entorno, além de se inteirarem de problemas do município ou da região que os afetam diretamente.

Considerando esse contexto, o estudo abordou dois telejornais regionais com sede em Juiz de Fora, Minas Gerais: o MGTV (jornal da TV Integração, afiliada da Rede Globo) e o Alterosa em Alerta (jornal da Rede Alterosa, afiliada do SBT). Além de veiculados em Juiz de Fora, os dois telejornais são transmitidos para cidades da Zona da Mata Mineira e Campos da Vertentes. A proposta principal do trabalho foi considerar toda a área de cobertura e investigar a produção nos noticiários. Assim, o objetivo foi saber se os telejornais conseguem atender a região que se propõe a cobrir ou acabam representando somente a cidade-sede – sendo mais locais do que propriamente regionais.

A pesquisa partiu do pressuposto de que as notícias devem ter alcance e interesse tanto para quem mora em Juiz de Fora, cidade sede das emissoras, como também para a população das demais cidades que recebem o sinal dos dois canais. Para a realização deste estudo foram utilizadas referências teóricas dos campos do Jornalismo e da Geografia. Na área da comunicação, Mauro Wolf deu base para os conceitos de valores-notícia. No campo da Geografia, foram incluídos autores como Milton Santos e Andrew Herod.

Para averiguar a cobertura do MGTV e do Alterosa em Alerta, o estudo utilizou-se da semana composta. Os dias analisados foram: segunda-feira, 4 de fevereiro; terça-feira 12 de fevereiro; quarta-feira, 20 de fevereiro; quinta-feira, 28 de fevereiro; e sexta-feira, 8 de março. Essa é uma pesquisa quali-quantitativa e a metodologia se divide em duas partes. Primeiro, utilizando-se do estudo de caso (Yin, 2006) e, em seguida, do estudo comparado (Collier, 1993).

As notícias e seus valores

Ao ler um jornal impresso ou *online*, ouvir um noticiário no rádio ou assistir a um telejornal, as pessoas têm por interesse primordial se informar. Nesses meios de comunicação, essas informações lidas ou ouvidas pela população são divulgadas através das notícias. O meio jornalístico, portanto, tem por objetivo atualizar o público, e é a partir das informações nas quais transformam em notícias que tentam cumprir com esse objetivo.

As notícias fazem com que o jornalismo tenha um caráter social, e os meios de comunicação são os responsáveis por definirem o que será dado como notícia, afinal, “toda notícia é uma informação, mas nem toda informação é uma notícia” (BAHIA, 1990,

p. 35). Logo, é preciso que as informações passem por alguns filtros que irão determinar se serão ou não transformadas em notícia.

Compreender a noticiabilidade nos remete a pensar sobre essa seleção de acontecimentos que são transmitidos nos veículos de comunicação e na probabilidade de fatos virarem notícias. A noticiabilidade é definida por Wolf (2003) como:

[...] o conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos, de entre os quais há que seleccionar as notícias, podemos definir os valores/notícia (news values) como uma componente da noticiabilidade. Esses valores constituem a resposta à pergunta seguinte: quais os acontecimentos que são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícias?. (WOLF, 2003, p.195)

Os jornalistas e profissionais de comunicação precisam ter a percepção dos elementos que comprovam a noticiabilidade de um determinado evento. Os valores-notícia integram critérios que são levados em consideração de forma conjunta, desde a pauta até a produção das notícias e suas veiculações. Quanto mais valores-notícia apresenta um acontecimento, maior será sua noticiabilidade.

No livro *Teorias da Comunicação*, Wolf (2003) vale-se de trabalhos dos autores dinamarqueses John Galtung e Mari Ruge (1965), e do norte-americano Herbert Gans (1957) para definir quatro categorias às quais os valores-notícia estão relacionados. Aqui abordamos algumas delas nas quais foram relacionadas com o MGTV e com Alterosa em Alerta.

Uma das categorias listada por Wolf (2003) trata-se das “características substantivas das notícias: ao seu conteúdo”. Nela aparece a “importância” e o “interesse”. A “importância” se refere: ao nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento; A quantidade de indivíduos; O impacto sobre a nação e interesse nacional. No caso do MGTV e do Alterosa em Alerta, essas questões, como por exemplo, a de proximidade, é definida com os municípios da Zona da Mata e Campo das Vertentes. Ou seja, trata-se de telejornais em escala regional – conceito que será abordado mais adiante. Logo, é a geografia que modifica o panorama de proximidade à medida que a escala do noticiário é alterada.

Já o “interesse”, liga-se a concepção que o jornalista tem do público. Essa é a parte que integra as notícias veiculadas que os profissionais acreditam que vão gerar empatia por parte dos espectadores. No Alterosa em Alerta, por exemplo, dos 25 vts veiculados

nos dias de análise, 11 foram considerados “frios” – 44% da produção. Esse número alto de matérias “frias” está relacionado diretamente com o número da equipe que é pequena e, possivelmente, produz matérias para deixar de “gaveta”. Percebe-se que para a realização dessas matérias “frias” principalmente, foi levada em conta essa “concepção que o jornalista tem do público”.

A Alterosa tem o intuito de se colocar próxima dos seus telespectadores. Durante os dias analisados, a emissora iniciou o “Esticadinha do Alerta”. Após o fim do telejornal, começa uma transmissão no Facebook na qual o apresentador Alessandro Boiah fica lendo os comentários das pessoas e interage com as mesmas. Alguns telespectadores, inclusive, aproveitam o espaço para falar sobre algum problema que está tendo, por exemplo, com serviços públicos. No jornal da Alterosa predomina público das classes C, D, E, e o telejornal coloca-se como um “jornalismo cidadão com foco na comunidade”⁵.

Na categoria que Wolf (2003) se refere a disponibilidade de “materiais e às características específicas do produto informativo”, é levado em conta a acessibilidade, distância para produção de notícias e profissionais disponíveis para a cobertura de um fato. Esse é um valor-notícia que afeta diretamente a produção e, como consequência, a cobertura do noticiário. Com uma área de cobertura que engloba 121 (MGTV) e 133 municípios (Alterosa em Alerta), é improvável pensar no deslocamento e presença de equipes em grande parte desses municípios com frequência, até porque em muitos casos trata-se também de equipes com número de profissionais limitados. Nas edições que foram analisadas, a TV Alterosa apresentou somente dois repórteres para a realização das matérias. O MGTV contou constantemente com seis – sendo um da TV Integração Araxá. Com isso, a maioria das matérias são realizadas na própria cidade-sede.

No critério relativo à “concorrência”, situa-se a competição a mídia que, segundo Gans (apud Wolf, 2003), dá origem as seguintes tendências: a competição na obtenção de exclusivos (que pode ter como consequência a centralização de cobertura informativa em personalidades de elite e em fatores que causam a distorção informativa de forma a desprezar uma visão da realidade social); O acarretamento de “expectativas recíprocas” (resultando no aparecimento de notícias comuns porque se espera que os concorrentes também noticiem determinados fatos); E o laço comum – efeito da tendência anterior –

⁵ Retirado do site: <alterosa.com.br/programas/alterosa-em-alerta-zona-da-mata>. Acesso em 24 jun, 2019.

que causa o desencorajar de inovar na seleção de notícias e, proporciona, portanto, semelhanças nas coberturas informativas entre jornais concorrentes.

Levando em consideração esse critério e tendo ciência que os telejornais estudados possuem uma cobertura que contém 108 municípios em comum, foi observado as informações semelhantes transmitidas tanto no MG como no Alterosa. Com exceção da segunda-feira, dia 4 de fevereiro, todos os outros dias da semana composta apresentaram alguma informação em comum, resultando num total de oito informações – duas na terça-feira, 12 de fevereiro; duas na quarta-feira, 20 de fevereiro; três na quinta-feira, 28 de fevereiro; e uma na sexta-feira, 8 de março.

As escalas

Ainda sobre as informações, é interessante ressaltar que partem de diferentes escalas e acabam por influenciar em alguns valores-notícia como os apresentados anteriormente. Se tratando de um país como o Brasil, que possui um território de grande extensão, a distinção dessas escalas torna-se ainda mais necessária. Com isso, Milton Santos (2007) lista quatro categorias de jornais: o jornal nacional; o jornal estadual; o jornal regional; e o periódico local.

Essas categorias são, na ordem decrescente, de jornais cada vez menos políticos, no sentido mais amplo de expressão, e cada vez mais interessados pelos problemas locais. [...] Subindo na escala verifica-se que cada categoria de jornal exerce uma função específica, dentro de determinada área, função que não pode ser preenchida por jornal de categoria superior. (SANTOS, 2007, p.3)

Sabendo da importância dos meios de comunicação para sociedade, é fundamental que os mesmos estejam presentes de forma que consigam atender cada uma das escalas na qual se propõe a cobrir.

Considera-se aqui, escala geográfica que, diferentemente da escala cartográfica “tem a ver não com a fração da divisão de uma superfície representada em um documento cartográfico, mas sim com a própria extensão ou magnitude do espaço que se está levando em conta” (SOUZA, 2013, p. 180 apud AGUIAR, 2016, p. 44). Ou seja, trata-se de um termo polissêmico e, em toda escala “haverá sempre um recorte da realidade percebida/concebida de acordo com o ponto de vista predeterminado como ponto de partida da observação e da análise” (AGUIAR, 2016, p. 50).

No entanto, conceituar o termo "escala", ainda é uma tarefa árdua. Isso porque dentro da geografia humana, segundo Herod (2003), a escala é tipicamente vista de duas

formas: uma como algo real e material que realmente existe e se resulta de processos sociais ou luta política; e outra como uma forma de enquadramento da nossa compreensão do mundo - apenas um dispositivo mental para categorizar e ordenar o mundo.

Para aqueles que se inspiram no idealismo kantiano, então, o local e o global são vistos como parte de uma matriz conceitual pré-existente de escalas dentro das quais a vida social é vivida. Como tais, são simplesmente artifícios mentais para circunscrever e ordenar processos e práticas de modo que possam ser distinguidos e separados uns dos outros como parte de uma hierarquia de resoluções espaciais - um processo particular ou conjunto de práticas sociais pode, assim, ser considerado para ser "local", enquanto outros são considerados "globais" no escopo [...] Para os materialistas, por outro lado, o aspecto-chave da escala geográfica é entender que as escalas são socialmente produzidas por meio de processos de luta e comprometimento [...]. (HEROD, 2003, p.219)

Apresento essa distinção citada pelo autor para ponderar sobre o conceito em questão. Há uma série de argumentações a respeito de como se pensa e representa as escalas geográficas de um modo em geral e o local e o global em particular (HEROD, 2003). No artigo *Scale: The local and the Global*, Herod sinaliza a visão binária existente entre essas duas escalas - consideradas em muitos casos como dois extremos, com o local sendo entendido através do seu contraste com o global e vice-versa. Contudo, o autor destaca que o local e o global não são entidades fixas.

Uma metáfora ideal na visão de Herod - na qual evidencia que cada escala se completa através da outra - é a com as bonecas russas Matryoshka⁶. Nesse tipo de representação, cada boneca - ou seja, cada escala - é separada, distinta e pode ser considerada por si só, mas a peça como um todo só é completa e só pode ser compreendida em sua totalidade com cada boneca/escala que é uma maior que a outra. As bonecas se encaixam em um único sentido, logo, uma boneca maior não caberá dentro de uma menor. Portanto, essa metáfora oferece um entendimento de "envolvente/envolvida" e "contendo/contida" (HEROD, 2003).

O fato é que ocupar-se a respeito das escalas dentro da comunicação se torna importante porque a atuação midiática é dada - mesmo que em muitas vezes sem consciência - a partir delas. Isso acontece uma vez que as escalas possuem níveis com "recortes espaciais" que determinam esse trabalho jornalístico. Sonia Aguiar (2016) apresenta um quadro no qual mostra as escalas e esses recortes juntamente com exemplos que envolvem a comunicação.

⁶ Brinquedo tradicional da Rússia. Constitui-se de uma série de bonecas, feitas geralmente de madeira, colocadas umas dentro das outras, da maior até a menor.

Na escala “local”, por exemplo, há o hiperlocal (rua e quadra); o microlocal (quarteirão e bairro); o mesolocal (centro urbano, município e cidade); e o macrolocal (metrópole). Já quando se trata da “regional”, tem-se microrregião (aglomerado de pequenas cidades); mesorregião (aglomerado de cidades em torno de uma cidade-polo); Estado (unidade da federação); e macrorregião (divisão político-administrativa). Então, além da escala, esses recortes são necessários para determinar a atuação da mídia no espaço no qual se propõe a cobrir. Ou seja, vai desde um jornal mural – se tratando de um hiperlocal -, até a “grande imprensa” das capitais. Isso, claro, abordando essas duas escalas. Além dessas, há a nacional, internacional e global.

Dados: MGTV e Alterosa em Alerta

Sabendo-se dos valores-notícias, da relação que podem ter com os telejornais estudados, e que as escalas são determinantes para a transmissão das informações, foi realizada uma coleta de dados do MGTV e do Alterosa em Alerta – ambos que atendem em escala regional – para saber como se dá à cobertura aos municípios da Zona da Mata e Campo das Vertentes. O método se dividiu em estudo de caso, na parte quantitativa, e comparado, na parte qualitativa.

Yin (2006) ressalta que, o estudo de caso é uma estratégia para se examinar acontecimentos contemporâneos e acrescenta fontes de evidências que usualmente não são incluídas no repertório de um historiador. Uma dessas evidências é a observação direta – juntamente com o registro em arquivos foram as fontes escolhidas para realizar a pesquisa em questão. Assim, foi possível ordenar dados relevantes a serem coletados nas cinco edições de cada um dos telejornais.

A comparação é importante nesse tipo de trabalho porque se torna “uma ferramenta fundamental de análise. Ela estimula nosso poder de descrição e desempenha um papel central na formação de conceitos, destacando semelhanças e contrastes sugestivos entre os casos” (COLLIER, 1993, p. 105).

A coleta de dados na semana composta priorizou: o número de informações que foram transmitidas; a quantidade de assuntos que essas informações englobavam; e quantos vts, “vivos”, notas cobertas, secas, e *stand ups* tiveram. Em caso de vt foi sinalizado em qual cidade a matéria foi produzida, e se tratando de “vivo”, o local onde o repórter esteve presente.

Além disso, foram observadas todas as informações passadas nas matérias e vivos para saber se o que foi tratado era de interesse somente para os cidadãos de Juiz de Fora ou se poderiam ser também para a população dos demais municípios.

As editorias/assuntos foram definidas em: Política; Economia; Cultura; Saúde; Serviço; Polícia; e Geral. Esporte não entrou pelo fato de que as duas filiais possuem programas com essa temática, então acaba não sendo trabalhada em nenhum dos dois telejornais.

Apresentado pela jornalista Érica Salazar, o telejornal da Integração possui quatro blocos com média de 45 minutos. A tabela a seguir mostra um panorama geral de como esse tempo foi aproveitado com a quantidade de informações nos dias em questão juntamente com os assuntos noticiados. Foi um total de 96 informações, distribuídas em: “Política”, com sete informações; “Cultura”, com 17; “Geral”, com 20; “Economia”, com duas; “Polícia”, com 22; “Saúde” com sete; e “Serviço” com 21.

Tabela 1 – Quantidade de informações e assuntos transmitidos pelo MGTV

MGTV 1ª edição				
Segunda 04/02/2019	Terça 12/02/2019	Quarta 20/02/2019	Quinta 28/02/2019	Sexta 08/03/2019
19 informações	20 informações	19 informações	19 informações	19 informações
Política: 1	Política: 1	Política: 3	Política: 1	Política: 1
Cultura: 1	Cultura: 1	Cultura: 3	Cultura: 5	Cultura: 7
Geral: 7	Geral: 5	Geral: 1	Geral: 4	Geral: 3
Polícia: 2	Polícia: 8	Polícia: 4	Polícia: 4	Economia: 2
Saúde: 3	Saúde: 1	Serviço: 8	Saúde: 2	Polícia: 4
Serviço: 5	Serviço: 4		Serviço: 3	Saúde: 1
				Serviço: 1

Fonte: Dados elaborados pelo autor com base nos noticiários dos telejornais analisados – 2019

Essas informações do MGTV foram distribuídas da seguinte forma: 26 vts; 21 “vivos”; 38 notas cobertas; dez notas secas; dois *stand ups* e duas entrevistas – uma realizada no estúdio para o quadro “MG Responde”⁷ e outra gravada para compor o quadro “Diversão e Arte”⁸. Somando a forma de distribuição das informações o número se mostra distinto dos 96 que apresenta o quadro acima, isso se justifica porque uma

⁷ Quadro que recebe um especialista sobre determinado assunto no estúdio para tirar as dúvidas dos telespectadores. É realizado todas às terças-feiras.

⁸ Realizado todas às sextas-feiras para apresentar as atrações culturais do fim de semana.

mesma informação transmitida utilizou-se de “vivo” e vt. Portanto, o número de formatos usados não significa necessariamente a mesma quantidade de informações passadas, como ocorreu nesse caso, em que se fez o uso de dois recursos para divulgar uma mesma informação.

Os “vivos” realizados pelo MGTV aconteceram em três cidades: Juiz de Fora (16 entradas), Barbacena (quatro entradas) e São João del-Rei (uma entrada). Vale ressaltar que não significa necessariamente que as informações divulgadas nos “vivos” foram de interesse apenas dos municípios em questão, assim como os vts produzidos em uma determinada cidade, dependendo do assunto, pode ter interesse regional.

Em relação aos vts, houve uma maior variação. Isso porque há o aproveitamento de produções de outras filiais da Rede Globo quando o assunto tratado pode ser de interesse também para a população da Zona da Mata e Campo das Vertentes. Com isso, além de Juiz de Fora, onde foram produzidas 11 matérias, o MGTV 1ª edição transmitiu matérias de Belo Horizonte (quatro matérias produzidas pela equipe de reportagem da Globo Minas); Brumadinho (três matérias feitas pela equipe da Globo Minas); Além Paraíba e São João del-Rei (uma matéria realizada pela equipe da TV Integração Zona da Mata e Campo das Vertentes e outra pela Integração de Araxá); São Gonçalo do Abaeté (uma matéria pela TV Integração do Triângulo Mineiro); Pompéu (um vt feito pela a equipe da Integração Divinópolis); Espera Feliz, Sabará, e São José dos Pinhais, em Curitiba (uma matéria em cada uma das cidades por outras equipes).

Um outro vt veiculado foi o do quadro “No Fim das Contas”, da jornalista de economia Mônica Carvalho. Esse quadro integra o jornal local da TV Globo em Brasília, no “DF1”, mas em alguns momentos, dependendo do tema abordado dentro da parte econômica – caso seja de interesse geral -, é transmitido também em outras regiões.

Sobre os *stand ups*: um foi realizado em Pará de Minas, pela equipe da TV Integração de Divinópolis, e o outro em Carangola, pela própria equipe da Zona da Mata.

Já o Alterosa em Alerta 1ª edição, é apresentado por Alessandro Boiah e tem em média 37 minutos. Nos mesmos dias apontados anteriormente para mostrar os dados do MGTV, o jornal da Alterosa transmitiu 46 informações divididas em: “Polícia”, com 27 informações; “Geral”, com nove; “Serviço” com seis; e “Cultura”, com quatro. No quadro a seguir, o registro.

Tabela 2– Quantidade de informações e assuntos transmitidos pelo Alterosa em Alerta

Alterosa em Alerta 1ª edição				
Segunda 04/02/2019	Terça 12/02/2019	Quarta 20/02/2019	Quinta 28/02/2019	Sexta 08/03/2019
10 informações	8 informações	9 informações	11 informações	8 informações
Polícia: 6	Polícia: 4	Polícia: 6	Polícia: 7	Polícia: 4
Serviço: 1	Serviço: 1	Serviço: 2	Cultura: 1	Serviço: 2
Cultura: 1	Cultura: 1	Cultura: 1	Geral: 3	Cultura: 1
Geral: 2	Geral: 2			Geral: 1

Fonte: Dados elaborados pelo autor com base nos noticiários dos telejornais analisados - 2019

As informações do telejornal da Alterosa durante os dias em questão, foram distribuídos em 25 vts; 14 notas cobertas; cinco notas secas; e dois *stand ups*. Diferentemente do MGTV, o Alterosa em Alerta não conta com “vivo”, mas apresenta comentários, algo determinante para que se tenha uma quantidade menor de informações, ainda mais que também possui cerca de seis minutos a menos do que o telejornal da TV Integração. Os comentários são feitos pelo próprio apresentador.

Na segunda, 4 de fevereiro, houve ao todo nove minutos e nove segundos de comentários (25,45% do tempo do telejornal); na terça, dia 12, nove minutos e quarenta e três segundos (24,7% do tempo); na quarta, dia 20, oito minutos (20,2%); quinta, dia 28, cinco minutos e vinte e cinco segundos (13,7%); e na sexta, 8 de março, dez minutos e cinquenta segundos (27,5%).

Somando o tempo de comentários no Alterosa em Alerta nos cinco dias analisados, resulta-se em um total de 43 minutos e oito segundos. Isso representa 22,2% do tempo do telejornal durante todos os dias juntos, que foi, de aproximadamente, três horas e quatorze minutos.

Sobre a produção dos vts, 21 foram produzidos em Juiz de Fora. Os outros quatro foram divididos em: Além Paraíba, Tombos, Santos Dumont (pela própria equipe da TV Alterosa Zona da Mata), e São José dos Pinhais, em Curitiba (outra equipe de reportagem). Os dois *stand ups* foram realizados na cidade-sede.

Análise a partir dos dados

Das informações transmitidas pelos dois telejornais, pôde ser observado que a maior parte das referências feitas aos outros municípios sem ser a cidade-sede foram através das notas cobertas e secas.

Nas notas cobertas do MGTV, 13 puderam ser consideradas regionais e 11 destinadas somente aos cidadãos juiz-foranos. Nas demais, apareceram alguma informação direcionada a: Barbacena (três vezes), Viçosa e Ubá (duas vezes cada), Paula Candido, Canaã, Teixeiras, Porto Firme, São Miguel do Anta, Araponga, Cajuri (em uma mesma informação), São João del-Rei, Divinópolis, Muriaé, Matias Barbosa e Maripá de Minas.

Nas notas secas, duas informações foram de caráter regional, e duas também específicas aos juiz-foranos. As outras foram de interesse para população dos municípios de Viçosa, Cataguases, Barbacena, Ubá, Carandaí, Guidoal e Muriaé.

No Alterosa, as notas cobertas foram regionais em três oportunidades, e para as pessoas de Juiz de Fora também três vezes. Os outros municípios que receberam algum tipo de notícia foram: Muriaé (três vezes), Rio Novo, Estrela D'alva, São João Nepomuceno, Descoberto, Cataguases, Matias Barbosa e Visconde do Rio Branco. As notas secas foram regionais somente uma vez e o restante atendeu: Barbacena (duas vezes), Cataguases e Canaã.

Quando abordamos os vts, o mesmo não acontece. A equipe da Integração produziu 12, desses, 11 realizados em Juiz de Fora - sete de interesse da mesma e apenas quatro regionais. Isso significa dizer que: 58,3% dos vts produzidos pela equipe da emissora atenderam em escala local. No entanto, quando consideramos os que vieram de outras filiais, esse percentual cai para 26,9%.

Diante desses números, podemos notar que é fundamental essa veiculação de matérias de outras praças para atingir de forma mais significativa pessoas que não fossem somente as juiz-foranas. Em contrapartida, dez das 14 matérias que vieram de outras equipes, se caracterizaram como notícias de interesse nacional. Esse número expressivo de notícias de caráter nacional presente no telejornal regional pode se justificar por Brumadinho se localizar em Minas Gerais. Ou seja, por ter ocorrido um caso de repercussão nacional, e estar dentro do estado, acaba se tornando pauta e ganhando espaço também em telejornais regionais de Minas Gerais, que diferentemente dos outros estados, ainda tem o elemento de proximidade como um valor-notícia a mais.

Fora a tragédia de Brumadinho – que gerou seis das 14 matérias - o assassinato do jogador juiz-forano Daniel Corrêa também foi de grande repercussão na mídia nacional. Esses são casos que ainda são compreensíveis de aparecerem no telejornal porque por mais que sejam de interesse de todo o país, aconteceram nas proximidades ou tem algum

elemento que o faz ligar a região, como do jogador Daniel, que foi assassinado no Paraná, mas é juiz-forano. Essa informação, inclusive, também foi noticiada através de vt no Alterosa em Alerta, e foi a única não realizada pela equipe de reportagem da emissora da Zona da Mata, então, o percentual não muda de forma significativa como no caso do MGTV.

Dos 25 vts divulgados pelo Alterosa, 24 foram realizados pelos próprios jornalistas da emissora – três matérias fora da cidade-sede. Dessas, 13 foram de interesse apenas de Juiz de Fora. Isso representa 61,9%.

Os dois *stand ups* veiculados no Alterosa em Alerta foram de interesse local. Diferentemente dos do MGTV, que trataram de casos de interesse regional, porém um deles, vindo de outra filial.

O MGTV também valoriza os “vivos”. Em todas as edições utilizaram-se de várias entradas de repórteres, algo que não acontece no Alterosa em Alerta. Isso mostra o motivo do Alterosa se aproximar da mesma quantidade de vts do MGTV mesmo contando com um menor número de profissionais – 25 e 26 vts respectivamente. No entanto, em relação aos “vivos”, assim como nos vts produzidos pela própria equipe, aparece com frequência informações locais (66,6%). Das 21 entradas nos cinco dias, sete trataram de temas que podem se considerar relevantes para os municípios que recebem a cobertura, dez trataram de assuntos ligados diretamente a Juiz de Fora, e outras quatro apenas sobre Barbacena.

Se considerarmos como um todo, o MGTV apresentou 30 informações de interesse somente da população de Juiz de Fora – o que representa 31,2% do que foi divulgado. Já o Alterosa em Alerta teve um percentual superior, com 39,1%, ou seja, 18 informações direcionadas apenas aos juiz-foranos.

A TV Integração é filial da maior emissora do país⁹, logo, consegue manter mais profissionais e ter uma estrutura qualificada, o que influencia diretamente na realização de um telejornal com notícias o tempo inteiro e matérias mais estruturadas. O Alterosa em Alerta para ocupar o tempo destinado utiliza-se dos comentários do apresentador que, muitas vezes, se tornam repetitivos, além de tomar minutos consideráveis – como mostrados nos dados anteriormente – do telejornal. Outro fator é a produção dos vts: oito matérias do Alterosa em Alerta tiveram apenas uma fonte – e em alguns casos, a mesma

⁹ A TV Globo tem sua programação distribuída em quase todo o território nacional, por meio de cinco emissora próprias - máximo permitido por lei -, em parceria com mais de 300 afiliadas, e em mais de 100 países, por meio da Globo Internacional. Fonte: <<https://grupoglobo.globo.com/quem-somos/>>. Acesso em: 24 jun, 2019.

fonte aparecendo com frequência durante a matéria. No MGTV, somente um vt contou com uma fonte.

Entretanto, no caso do telejornal da Alterosa, se predomina assuntos policiais (56,8%), logo, quando se noticia algum assassinato ou assalto, por exemplo, a fonte é apenas um delegado ou policial militar. No caso da Integração as notícias são com temática mais variadas e, em relação ao tema que predomina no Alterosa, no MGTV, as informações policiais (22,9%) apareceram de forma predominante em notas cobertas e secas, e não em vts. As outras foram distribuídas em: Serviço (21,8%) – essa muito por conta do quadro “Toma Nota”¹⁰ que informou muito sobre concursos e prazos para determinados atendimentos em serviços públicos -; Geral (20,8%); Cultura (17,7%); Política (7,2%); Saúde (7,2%); e Economia (2%).

Considerações finais

Percebe-se que nos dois telejornais aparecem uma quantidade significativa de matérias que se caracterizam como notícia local de interesse da população de Juiz de Fora – o que era esperado e é comum em telejornal nessa escala, haja vista que na maioria dos casos a filial é instalada na cidade polo dos municípios do entorno. Algumas matérias que são produzidas na cidade-sede conseguem ser de interesse para os outros municípios que recebem o sinal quando tratam de temas mais amplos, sem que tenha um direcionamento específico para determinada cidade, entretanto, essa parcela representa menos da metade – 41,7% do MGTV e 38,1% do Alterosa em Alerta.

As referências aos outros municípios acontecem muito por meio das notas cobertas e secas. Para que as equipes dos telejornais produzam matérias em outros locais que não Juiz de Fora, é necessário um conjunto maior de valores-notícias. Nas matérias produzidas, apenas três foram realizadas em municípios da Zona da Mata e Campo das Vertentes que não fosse a cidade-sede. Uma pelo MGTV, em Além Paraíba, e duas pela equipe do Alterosa em Alerta, em Tombos e também em Além Paraíba. A do município de Além Paraíba, inclusive, se tratou da mesma notícia: o enterro de uma das vítimas do incêndio no CT do Flamengo.

Não tem como exigir dos profissionais de ambos os telejornais – principalmente da Alterosa que conta com apenas dois repórteres - que façam uma ampla cobertura de

¹⁰ Quadro que apresenta notas cobertas com temas voltados à serviço da população e aparece com frequência no decorrer do telejornal.

todos os municípios que recebem o sinal, não há material humano e nem tempo destinado suficiente para isso. Mas é importante verificar o “atendimento” que é dado a população, afinal, muitas pessoas dependem desses telejornais para saber de forma precisa sobre acontecimentos próximos a elas, e não são todas as cidades que possuem uma mídia local.

Sabendo-se disso, se faz necessário olhar para os milhares de municípios brasileiros. Há uma ilusão – principalmente quando se baseia apenas nas regiões Sudeste e Sul do país - de que nos dias atuais todos possuem condições de se informar por diversas plataformas e que os avanços tecnológicos foram para todos, o que é um engano. Não tem como negar que a veiculação de informações está cada dia mais rápida, fazendo com que as interações com os espectadores também aumentem. No entanto, não deve haver uma generalização quanto a isso. Nem todos possuem contato com as informações por meio das novas tecnologias, e muito menos conseguem “pautar” os veículos de comunicação.

Ainda existem zonas de sombras no Brasil. Somos um país com 5.570 municípios, sendo 32 com Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) muito baixo e 1.367 com IDHM baixo¹¹. Quando verificamos números como, por exemplo, sobre banda larga fixa, vemos que os acessos não são tão expressivos, até mesmo na região na qual o estudo aborda. Afinal, mais de um terço dos domicílios brasileiros ainda não possuem nenhuma forma de acesso¹².

Das cidades com menos habitantes que recebem o sinal da TV Integração e da TV Alterosa são: Pedro Teixeira e Antônio Prado de Minas. Apenas 4,8% e 2% da população desses dois municípios, respectivamente, possuem acesso à banda larga fixa. A população de Juiz de Fora e Barbacena que são as duas cidades com mais números de habitantes que recebem o sinal, apresentaram 25,9% e 20,9%, respectivamente.

À medida que os números de habitantes caem, a proporção de acesso à banda larga fixa também tende a diminuir. Isso porque nenhum dos municípios da Zona da Mata e Campo das Vertentes chegam a ter IDH baixo ou muito baixo. Assim, significa dizer que uma parte da população além de não ser atendida, sequer consegue relatar os seus problemas através das formas de contato que as emissoras criam cada dia mais com os espectadores – não são capazes de “sinalizar” essa existência. Deste modo, é possível

¹¹ Informações colhidas para o projeto de iniciação científica “Estudo sobre regiões de sombra e silêncio no setor audiovisual brasileiro”.

¹² CETIC - Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros – TIC Domicílios 2017. São Paulo. 2018. Acesso em 23 jun, 2019 em: https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2017_coletiva_de_imprensa.pdf

notar que, além dos benefícios que as novas tecnologias trazem, há também uma segregação na população e, nem todos conseguem ter acesso à informação.

Logo, se torna essencial o desenvolvimento de trabalhos da comunicação que possam abordar mídia local e regional. Em diversas situações, é esse tipo de mídia que vai fornecer a parte da população informações e, muitas vezes, reivindicar seus direitos, sendo vista, portanto, como uma forma de representação.

Referências bibliográficas

- AGUIAR, Sônia. **Verbetes: Colonialidades da comunicação**. Enciclopédia Intercom de Comunicação, v. 1, p. 228, 2010.
- _____. Do local ao regional: uma questão de escalas. In: AGUIAR, S. **Territórios do jornalismo: geografias da mídia local e regional no Brasil**. Petrópolis/ Rio de Janeiro: Vozes/Editora PUC-Rio, 2016 (no prelo). Cap. 11, p. 40-65.
- ALTEROSA – **Programas**. Disponível em: <<https://www.alterosa.com.br/programas/alterosa-em-alerta-zona-da-mata>>. Acesso: 23 jun. 2019.
- BAHIA, Juarez. O que é notícia. In: **Jornal, história e técnica: as técnicas do jornalismo**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1990. Disponível em: <books.google.com.br/books?id=NIwQBAAAQBAJ&pg=PT43&lpg=PT43&dq=#v>. Acesso em: 30 maio. 2019.
- CETIC - Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros – **TIC Domicílios 2017**. São Paulo. 2018. Disponível em: <https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2017_coletiva_de_imprensa.pdf>. Acesso em 23 jun. 2019.
- COLLIER, David. **The Comparative Method**. In: FINIFTER, A. W. *Political Science: the State of the Discipline II*. Washington, D.C.: American Political Science Association, 1993.
- GLOBO – **Quem somos**. Disponível em: <<https://grupoglobo.globo.com/quem-somos>>. Acesso em: 23 jun. 2019.
- HEROD, Andrew. **Scale: the local and the Global**. In.: HOLLOWAY, S.; RICE, S. P.; VALENTINE, G. *Key Concepts in Geography*. London, Sage Publications, 2003, pp.229-247.
- IBGE – **PNAD Contínua 2016**. Características Gerais dos Moradores 2012-2016 e Características Gerais dos Domicílios 2016. IBGE, 2017. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/a7d023687b221aafb0364f56cad94367.pdf>. Acesso em 8 out. 2018.
- SANTOS, Milton. **Classificação funcional dos jornais brasileiros: as regiões jornalísticas**. Revista da Rede Alçar, ano 7, n. 83, 1 nov. 2007.
- WOLF, Mauro. Da sociologia dos emissores ao newsmaking. In **Teorias da Comunicação**. 8º. ed. Lisboa: Presença, 2003. Cap. 3, p. 177-249.
- YIN, Robert. **Estudo de Caso – Planejamento e Métodos**. São Paulo: Bookman, 2005.